

## Subjetividade, religiosidade contemporânea e globalização: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus

Por Mary Rute Gomes Esperandio\*

### Resumo:

Este trabalho caracteriza-se como uma reflexão que nasce na confluência de dois campos de saber: Teologia e Psicologia. Trata-se de um estudo que tem por objetivo refletir sobre a experiência religiosa promovida pela IURD em conexão com o modo contemporâneo de subjetivação. Quer-se pensar a partir dessa experiência sobre os desafios que se colocam para a Teologia e para a Psicologia no que concerne a uma prática voltada a afirmação da vida em seus movimentos de criação.

### Palavras-chave:

subjetividade – experiência religiosa – vergonha – IURD – globalização

### Introdução

Trabalhei em minha tese de doutorado a temática do sacrifício, narcisismo e modo de subjetivação contemporânea. Quero colocar em relevo a articulação desses elementos com a questão da subjetividade hoje, pois me parece urgente e imprescindível refletir sobre a relação entre sacrifício, subjetividade e globalização. A Igreja Universal do Reino de Deus é apresentada, aqui, como representante significativa do modo de religiosidade contemporânea e da articulação dos elementos citados.

---

\* Psicóloga. CRP 07/12747. Doutora em Teologia Prática pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia.

## O modo Iurdiano de religiosidade

1. O prof. Berge pontuou o fenômeno da glossolalia como traço principal do Pentecostalismo em sua segunda onda. Este foi um marco da principal diferença entre Protestantismo e Pentecostalismo: a doutrina do Espírito Santo. Mas na IURD, hoje, basta pedir em oração e crer que o Espírito Santo foi dado ao indivíduo. Não acompanha essa recepção do Espírito Santo, o fenômeno da glossolalia ou mesmo do êxtase. *“Basta crer que o espírito foi dado”, “talvez seja acompanhado de uma emoção forte, mas não necessariamente, pois basta crer na promessa de Deus”,* repetem os pastores. A recepção do Espírito Santo não é dramática, ao contrário dos exorcismos. Provavelmente por influência da IURD e igrejas como ela, é que o Vaticano instituiu um curso novo sobre exorcismo. As pessoas hoje buscam explicação para a causa da derrota e fracasso da vida na esfera espiritual. Uma das explicações mais bem acolhidas na contemporaneidade trata-se da atuação dos espíritos maus que oprimem, *“trancam”, “aprisionam”, “adoecem”,* envergonham e limitam a subjetividade em seus movimentos de expansão. Portanto, o papel da religião hoje não é salvar o ser humano da culpa do pecado. Mas libertar o ser humano dos espíritos que produzem a pobreza e o fracasso, soltando-o das amarras do *“pensamento pequeno”* para um modo de *“pensar grande”*, para a criação de um espírito empreendedor, com sucesso econômico e com felicidade.

2. A IURD faz uma *“composição”* com as diversas formas de expressão religiosa brasileira, também em outros contextos. Mas há questões que para ela são inegociáveis: ela é a única que tem a *oração forte, a única com poder* de mudar a situação de sofrimento do indivíduo. Embora não haja exigência de se lhe ter fidelidade única, sendo possível assistir às suas reuniões e freqüentar outros espaços religiosos, seu discurso aponta sempre para o preço da não obediência aos mandamentos de Deus, que significa *“fidelidade na freqüência à igreja, na entrega dos dízimos e ofertas e participação nas correntes de sacrifício”*. O discurso afirmativo dos outros repertórios de fé serve-lhe para *afirmar negativamente*, no

sentido de mostrar a fraqueza, a ineficácia ou mesmo a demonização desses outros repertórios, reivindicando então, para si, o lugar de mais forte, mais eficaz, mais poderosa sobre as outras, fazendo deboche, inclusive, das entidades e divindades de outras expressões religiosas, demonizando algumas e colocando-se, visivelmente, numa posição desejante do monopólio da fé. Em outras palavras, a cultura religiosa serve-lhe de sustentação, fornecendo-lhe matéria prima religiosa para ser manipulada. E ela opera essa matéria prima com os mesmos critérios de funcionamento capitalista, não apenas “integra” seu discurso e prática ao ideal capitalista contemporâneo, como expressa a mesma voracidade e forma de “pensamento único” próprios da configuração social neoliberal.

3. Flexibilidade teológica e litúrgica: a IURD integra em suas reuniões elementos sempre novos que não necessariamente se encontram em convergência com as doutrinas no papel. É o que se pode perceber, por exemplo, nos rituais de “fechamento de corpo”, uso da numerologia e “troca de anjos”, banho do descarrego (contra a inveja). Algumas práticas, como a unção com óleo, por exemplo, baseiam-se em exemplos bíblicos e assemelham-se a grupos pentecostais. Já o batismo, conforme consta nas *Doutrinas da Igreja Universal*, não se diferencia de várias denominações protestantes e pentecostais. Contudo, diferentemente das igrejas protestantes e pentecostais que o realizam apenas uma única vez, a IURD o realiza quantas vezes o indivíduo queira ser batizado. Muito empática aos interesses e desejos que sempre são outros, sempre são novos de seus fiéis, a IURD sabe que as emoções se constituem num elemento básico de manipulação na condução da experiência religiosa. Assim, sua preocupação primeira parece ser a de atender a demanda que manifesta as dores e as ansiedades muito próprias do modo de subjetivação contemporânea – organizada sobre o narcisismo reativo que sustenta o modo de existência capitalista.

4. A IURD se auto-identifica como um Centro de Ajuda Espiritual. Ela se despe, cada vez mais, daquilo que a caracteriza como religião ou que a identifique

com algum segmento religioso conhecido. Assim, um Centro de Ajuda Espiritual não organiza cultos. Oferece reuniões. “Reuniões da felicidade”, como ela própria diz. Nessas reuniões da felicidade, trabalham-se a auto-estima, autoconfiança e bem-estar emocional, espírito empreendedor que busca o sucesso econômico. Estes são os conteúdos que ganham centralidade. Não é mais a salvação do pecado, o êxtase emocional pela experiência de glossolalia através do Espírito Santo. O centro das reuniões é o próprio *self* com sua necessidade de gozo e de integração ao mercado. Em outras palavras, o foco das reuniões é a felicidade, bem-estar e ambição pelo *dinheiro*. As reuniões da felicidade se caracterizam como terapêuticas. Deus é o “meio” para o culto do eu. “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo” perde o sentido nessa forma de religiosidade. Troca-se com Deus. Ele se torna parceiro na busca individual de prazer e bem-estar. O indivíduo é incentivado a amar-se a si mesmo, lutar por seus próprios interesses, e buscar a realização de seus desejos (em geral expressos em sonhos de consumo). Assim, não há nas reuniões confissão de pecados, mas declaração de uma condição econômica e emocional que não se aceita. Contudo, não se discute formas coletivas de mobilização para transformação das estruturas que causam sofrimento. Os fiéis fazem protestos contra o Deus-pai rico que *deve* a seus filhos a mesma condição de riqueza. A resistência a esse mundo injusto na distribuição de riquezas não implica em crítica ao modo como essa injustiça é produzida. Essa visão da injustiça na distribuição da riqueza leva à resistência dessa situação. Trata-se de uma resistência que reivindica (“direito de”) adaptação e integração ao *status quo*. Há espaço para a expressão indignada do processo de desfiliação que atinge o indivíduo, mas tanto a indignação quanto a solução que se busca é da perspectiva individual, onde cada um responsabiliza-se apenas por si mesmo. Para lidar, então, com esse desejo de integração ao *status quo*, que produz desigualdade e desfiliação, existe uma tecnologia: o sacrifício.

5. O sacrifício representa uma troca com Deus, uma aliança, uma sociedade. O sacrifício de Cristo é interpretado como modelo de investimento, de troca de interesses. Deus deu o seu filho para ter em troca a humanidade. Tem-se, portanto, uma dívida com Deus, em razão dessa oferta divina de seu filho que foi sacrificado para restabelecer a comunhão do ser humano com o divino. Este modelo de troca de interesses onde se sacrifica a posse mais importante, mais significativa como um investimento em si, por causa do retorno que será bem maior ao da oferta realizada é a essência da religiosidade iurdiana. Prosperidade econômica, felicidade e bem-estar físico e emocional é a promessa certa para aquele que faz os sacrifícios.

6. Esses sacrifícios que visam à libertação (do mal, do mal-estar e do sofrimento, representado pelas forças demoníacas) intentam libertar o indivíduo, sobretudo, da vergonha de não alcançar o ideal produzido pelo modo de subjetivação capitalista.

7. A IURD, organizada, então, como uma instituição que oferece uma técnica (o sacrifício) para lidar com a vergonha, distancia-se das religiões de salvação. Enfatiza, assim, a prosperidade, a felicidade, o bem-estar físico e emocional, a capacidade de consumo. Não lida com o pecado, nem com culpa. Lida com o narcisismo, com a vergonha. Lida com a necessidade de satisfação imediata, típica de quem sofre com o narcisismo reativo, e por isso clama por prazer. O limiar de suportabilidade de sofrimento é baixo.

8. O motor que faz a técnica do sacrifício funcionar é o mesmo do capitalismo: a cupidez, a voracidade<sup>1</sup> Enquanto no pentecostalismo a experiência

---

<sup>1</sup> A palavra cupidez abarca a noção de ambição, voracidade, cobiça, avidez. E traz, também, a idéia de um desejo permanentemente renovado de posse e, por isso, casa-se bem com o capitalismo, em sua face mais visível: o consumismo. Nietzsche esclarece que cupidez e amor são duas palavras usadas para o mesmo instinto: o de posse. E ao explicar esse instinto de posse, Nietzsche o relaciona ao desejo permanente de novidade, ao prazer de possuir que se desgasta no ato da posse, pois, ao possuir a coisa, esta é transformada em nós mesmos. Ele afirma: “o prazer que tiramos a nós próprios procura manter-se transformando sempre qualquer coisa nova em nós mesmos, é precisamente a isso que se chama possuir. Cansar-se de uma posse é cansar-se de si próprio (pode-

com o Espírito Santo era central, na IURD, a centralidade passa a ser o próprio eu, os “meus” interesses, “minhas” necessidades. O sacrifício exacerba a centralidade do eu com a oferta de uma “tecnologia do eu” (noção foucaultiana que diz respeito a técnicas que permitem ao indivíduo efetuar por contra própria ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo, alma, pensamentos, conduta a fim de alcançar certo estado de poder, felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade<sup>2</sup>).

9. A autonomia emocional e a econômica são buscadas pela via da auto-estima, da autoconfiança. Deus (ou a salvação) não é a finalidade última da existência, mas sim, a prosperidade econômica, o sucesso e o poder. Deus é o meio para a satisfação das necessidades de riqueza, de poder e de felicidade do indivíduo. Neste sentido, com uma ênfase voltada à técnica do sacrifício como investimento em si, os ensinamentos de Cristo são substituídos por uma educação para a auto-estima.

10. A ausência de ênfase na culpa e na graça ganha consistência na idéia de que os males e sofrimentos mais diversos são causados pelos demônios. Assim, a responsabilidade pessoal é bastante minimizada pela idéia de que são os demônios os causadores das derrotas e dos sofrimentos. A prática do exorcismo, aliada ao sacrifício, reverte a situação de sofrimento causada pelos demônios.

A seleção dessas dez características nos ajuda a perceber o quanto a experiência religiosa, promovida pela IURD, expressa as forças que compõem a subjetividade hoje; os movimentos do desejo, os desassossegos, o mal-estar, os sofrimentos; e quais buscas a subjetividade elege como legítimas para dar conta dos sofrimentos contemporâneos. Elas compõem um pano de fundo que constituem a dimensão do visível. E isto nos ajuda a pensar, também, sobre linhas menos visíveis que compõem esse tecido e que se constituem como saídas contrárias às da captura

---

se também sofrer com o excesso; à necessidade de jogar fora, de dar, pode assim atribuir-se o nome lisonjeiro de 'amor')”. NIETZSCHE, 2005, p. 47.

<sup>2</sup> FOUCAULT, 1996, p. 48.

do desejo em seu movimento de afirmação da vida num tempo em que ao mundo globalizado só interessa o lucro com o preço do empobrecimento mesmo da subjetividade e da própria vida.

## A subjetividade no mundo globalizado

Pierre Lévy, aproveitando-se da narrativa bíblica sobre Noé e o dilúvio, associou o mundo hoje como um “segundo dilúvio”, como um

oceano infinito, agitado por ondas turbilhonares – fluxos variáveis sem totalização possível em territórios demarcáveis, sem fronteiras estáveis, em constantes rearranjos. Só que desta vez as águas nunca mais irão baixar, nunca mais haverá terra à vista, as arcas são muitas e flutuam para sempre, lotadas de noés também muitos e de toda espécie. Nunca mais os pés pousarão na paisagem estável de uma terra firme: habituar-se a 'navegar é preciso', sem um norte fixo, como ponto de vista geral sobre esta superfície tumultuada e movente. Não há mais apenas uma forma de realidade com seu respectivo mapa de possíveis. Os possíveis agora se reinventam e se redistribuem o tempo todo, ao sabor de ondas de fluxos, que desmancham formas de realidade e geram outras, que acabam igualmente dispersando-se no oceano, levadas pelo movimento de novas ondas.<sup>3</sup>

Num mundo assim, sem terra firme, as subjetividades são “arrancadas do solo [...] flutuam ao sabor das conexões mutáveis do desejo com fluxos de todos os lugares e todos os tempos, que transitam simultâneos pelas ondas eletrônicas. Filtro singular e fluido deste imenso oceano também fluido. Sem nome ou endereço fixo, sem identidade: modulações metamorfoseantes num processo sem fim, que se administra dia-a-dia, incansavelmente”<sup>4</sup>. Desse modo, a subjetividade hoje experimenta o estranhamento em grau máximo, pois é como se fôssemos todos *homeless*, “sem casa”. Mas não se trata de um “sem casa” num sentido concreto, embora uma grande parte da população no mundo hoje esteja nessa condição. Falo

---

<sup>3</sup> Idéia aproveitada por ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

<sup>4</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

de um estado de “em casa” ou “sem casa” que se refere a um sentimento de si, de uma “consistência subjetiva palpável” que emerge da familiaridade com um certo modo de existência, certos sentidos compartilhados, como observa Rolnyk.

Vivemos uma realidade em que, ao mesmo tempo, em que não acreditamos mais nas verdades até então tidas como verdadeiras, e desconfiamos de quaisquer outras verdades que se apresentam como tais, uma parte de nossa subjetividade clama pela segurança de alguma verdade. É esta casa, então, que se organiza sobre pilares de verdade (ainda que temporárias), que carece a humanidade globalizada. E é aí que mora o problema: sabemos que não existem mais verdades únicas onde possamos nos agarrar. Como, então, recompor um “em casa” “neste mundo onde territórios nacionais, culturais, étnicos, religiosos, sociais, sexuais perderam sua aura de verdade, desnaturalizaram-se irreversivelmente, misturam-se de tudo quanto é jeito, flutuam ou deixam de existir? Como reconstituir um território neste mundo movediço? Como se virar com esta desorientação? Como reorganizar algum sentido?”<sup>5</sup>.

Nessa busca de construção de um território existencial consistente de sentido e na ânsia de acabar com a desestabilização que o sentimento de estar “sem casa” provoca, a subjetividade somatiza essa desestabilização, produzindo sofrimentos muito próprios da contemporaneidade, como por exemplo: os ataques de pânico (nos ataques de pânico, a sensação de desestabilização e fragmentação é tão grande que a pessoa tem a sensação de morte e passa a ficar quase impossível se movimentar se não for acompanhada), a depressão (onde a pessoa volta-se para si mesma, e sente-se impotente para interagir com o outro); o stress e a ansiedade.

Freud já dizia que o corpo que sofre volta-se para si mesmo. Mas vivemos em um tempo onde o *interesse em si* não é justificado apenas pelos sofrimentos. Há, hoje, todo um movimento que podemos identificar como “culto ao corpo”. O corpo torna-

---

<sup>5</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

se o centro de preocupações e de cuidados em excessos. E assim, vemos a proliferação das academias; as novidades incessantes de produtos no mercado voltados para esse corpo: alimentos diet/light, cirurgias estéticas e lipoesculturas, máquinas que modelam o corpo milagrosamente sem nenhum esforço; e a indústria química, a farmacológica com suas drogas que anestesiaram o corpo impedindo-o de sofrer (mas também de sentir, ou então de sentir o êxtase nas fantasias alucinógenas).

Faz parte do culto ao corpo a permanente busca de sensação de bem-estar e de felicidade. Assim, as pequenas desestabilizações detectadas pelo corpo sensível são decodificadas como ameaça, como perigo. E se o corpo encontra no social algo que lhe dê respaldo para significar e conter essa desestabilização, esse algo se torna aceito, pois o que não se quer é viver a experiência de desestabilização desse corpo – que pode tomar a dimensão, inclusive, da sensação de fragmentação e de ameaça de morte.

O que se depreende desse modo contemporâneo de relação com o corpo é que, ao mesmo tempo em que ele é cultuado, é, também, envergonhado, quando não alcança esse padrão ideal socialmente produzido de felicidade e bem-estar e de sucesso econômico.

Até pouco tempo atrás, a culpa era um dos traços mais fortes nos modos de subjetivação. A subjetividade se sentia culpada, por exemplo, quando se voltava para si mesma, desvinculando-se do coletivo onde a sua casa existencial estava ancorada. Na contemporaneidade, o sentimento de culpa é substituído pelo sentimento de fracasso e vergonha, e este não surge em função da falha em atender a expectativa do outro (uma vez que o outro é pouco considerado). Esse sentimento nasce como expressão de espanto e raiva por não atender as próprias expectativas. O *self* fracassado diante de si próprio, pergunta-se: “Por que eu fiz isso comigo mesmo?”. Diante dessa pergunta, surge então, o sentimento de vergonha pela falha em encaixar-se com o próprio ideal. A subjetividade envergonhada não se dá conta de

que esse ideal que imagina como sendo seu próprio eu, e por onde se mede, é, na verdade, um ego-ideal socialmente produzido. Mas a produção social desse ideal é tomada pelo indivíduo como se fosse seu em razão da ilusão de uma interioridade desvinculada de fora.

Entretanto, a subjetividade constrói sua interioridade dobrando o fora, e há um movimento “coordenado” de minimização da culpa em função do engrandecimento do eu individual e da “exigência social” da auto-estima. São várias as instâncias que oferecem formas diversas de construção da auto-estima, quer seja pela sensação de estar de acordo com o padrão ideal de beleza socialmente produzido, quer seja pelos livros de auto-ajuda; quer seja *pelas estratégias políticas de marketing* onde “modelos de sucesso” aparecem na mídia afirmando: “*eu sou brasileiro e não desisto nunca*”.

O sentimento de culpa tem sido substituído, na contemporaneidade, pelo sentimento de vergonha, porque esta é uma das expressões mais bem acabadas do narcisismo reativo, onde o sujeito volta-se para si mesmo e para os seus próprios interesses, com incapacidade de reconhecer o que não pode identificar como espelho de si mesmo.

O social, ao mesmo tempo em que produz o culto do eu e a vergonha de não se encaixar nesse ego ideal, oferece explicações e tecnologias para lidar com a vergonha do fracasso. Por exemplo: 1) as razões do fracasso podem ser de ordem física/biológica, e nesse sentido a indústria químico-farmacêutica pode resolver; 2) as razões do fracasso podem ser de ordem emocional e tanto uma terapia breve (cientificamente embasada), pontual, que ataque objetivamente o problema, pode dar uma solução rápida, quanto também as drogas anti-depressivas são recomendadas; 3) as razões do fracasso podem ser de ordem espiritual e, nesse campo, as religiões que mais respondem a essa demanda são as que se baseiam na Teologia da Prosperidade, pois elas se voltam para a produção da felicidade (“o filho de Deus

não sofre”), para o sucesso econômico (“Deus, nosso Pai é rico, então seus filhos também devem sê-lo”) e empoderamento pessoal (“Deus, nosso Pai é poderoso e eu também ‘posso tudo naquele que me fortalece’”). Assim, a única culpa que o indivíduo poderia ter seria a de não ter uma vontade forte o suficiente para continuar o esforço em busca de soluções que venham trazer o prazer e sucesso próprios. Mas para essa falta de vontade forte, além de certos modelos de terapias e remédios, livros e workshops de auto-ajuda existem, também existem as ofertas religiosas<sup>6</sup>. E é aqui, então, que podemos situar a emergência e a acolhida de uma experiência religiosa como a oferecida pela IURD.

## **A proposta religiosa da IURD para a subjetividade envergonhada: a prática do sacrifício**

A IURD declara a morte de Cristo como sendo sacrificial, ou seja, ela interpreta a morte de Cristo como tendo sido uma oferta de Deus em sacrifício para resgate da humanidade. Entretanto, este sacrifício não parece ser suficiente para apaziguar a subjetividade. E não é suficiente porque a interpretação tradicional do sacrifício de Cristo é de que este foi realizado para apagar a culpa do pecado da humanidade – só assim se restabelece a comunhão do ser humano com o divino.

Mas, considerando que não é a culpa o traço fundamental da subjetividade contemporânea, mas sim, a vergonha, essa interpretação parece ficar fora de lugar, perde o sentido. Assim, o “sacrifício pela culpa” (morte de Cristo para redimir o ser humano da culpa do pecado) é substituído pelo “sacrifício pela vergonha” (sacrifício em dinheiro para obter prosperidade econômica, “curando”, desse modo, a vergonha do fracasso de não se encaixar no ideal produzido no modo de subjetivação capitalística). Aproveitamos essa constatação para deixar uma questão: se Cristo passa a ser uma figura secundária e não a centralidade da experiência religiosa

---

<sup>6</sup> ESPERANDIO, 2006, p. 273.

iurdiana, não poderia essa forma de experiência religiosa, ser considerada como “pós-cristã”?

A capacidade de mutação da IURD e sua apropriação de vários e diferentes elementos do imaginário religioso brasileiro para compor sua oferta religiosa evidencia que ela não tem preocupação com “normas, dogmas, preceitos e dogmas doutrinários, [pois estes] são nocivos à fé e à comunhão entre os cristãos”<sup>7</sup>, como afirma Macedo. Sua preocupação, como ele próprio afirma, é oferecer “ideais capazes de trazer tranqüilidade e felicidade”<sup>8</sup>.

A IURD parece, pois, instaurar uma nova forma de experiência religiosa que, inclusive, foge às classificações. Ela compõe sua oferta a partir da utilização de diferentes elementos do universo religioso, resultando numa configuração sempre mutante, porque continuamente reatualizada segundo o movimento de mutação também do campo social. Ou seja, se oferecem *kits* de religiosidade com prazo de validade. Esta constatação revela que a IURD inaugura uma forma de experiência religiosa que está longe de ser simplesmente uma “caricatura” das linhas teológicas conhecidas.

Ao fazer uma composição (mutante) com elementos diversos e até mesmo contrapostos, a IURD oferece a possibilidade da vivência (ou o exercício) da espiritualidade, o que é diferente de uma experiência religiosa específica, nomeada, definida, no sentido de caracterizar a oferta de uma “religião”. Dessa perspectiva, podemos entender de um outro modo a sua predileção pelo judaísmo (evidenciado no uso mais freqüente do Antigo Testamento); o descompromisso com o cristianismo (no sentido da ausência de uma pregação cristã onde Cristo é o modelo e inspiração para a vida); a mistura de elementos do catolicismo; dos cultos Afro e de princípios da Nova Era. Sua preocupação se volta para a oferta de um modo de se experienciar

---

<sup>7</sup> MACEDO, 1997, p. 21.

<sup>8</sup> MACEDO, 1997, p. 21.

a dimensão espiritual – bem ao gosto da flexibilidade e liberdade contemporânea. Poderíamos entender isto como falta de compromisso, ausência de rigor, mas isto seria uma exigência própria de um tempo que já passou. Assim, nosso critério de avaliação se torna mais útil e mais adequado se perguntarmos até que ponto esse modo de exercitar a espiritualidade afirma a vida em sua potência de criação e produção de diferença, ou se apenas conserva a vida, reproduz a desigualdade e o narcisismo reativo.

## **Subjetividade antropofágica e os agenciamentos do desejo: o vetor ativo e reativo**

Essa experiência religiosa oferecida pela IURD nos leva a pensar sobre a conexão entre o agenciamento do desejo na experiência de fé e o modo de subjetivação antropofágica tipicamente brasileiro. A noção de antropofagia (antropófago - “que come carne humana”) vem da prática dos índios tupis de devorar o inimigo. Entretanto, tal devoração tinha por condição a admiração nesse outro de sua força e/ou de suas virtudes. Criam os índios que, pela devoração, absorveriam as qualidades admiradas nesse outro. Desse modo, “ritualizava-se uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo, para que partículas de sua virtude se integrassem à química da alma e promovessem seu refinamento”<sup>9</sup>.

Inspirado nessa idéia e utilizando-se do humor, Oswald de Andrade cunhou o conceito de antropofagia, em 1928, para expressar a idéia de uma “estratégia de desejo” que escapa aos códigos predeterminados e hierárquicos, subvertendo a ordem da importação e reprodução das idéias, formas e fórmulas. Ele se referia ao modo brasileiro de “digerir” a cultura européia abrasileirando-a, fazendo com que, nesse processo antropofágico, o próprio brasileiro se tornasse outro não por

---

<sup>9</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

“imitação” e veneração do admirado, mas por alteração de si. Ele defendia, então, uma “fagia” como tática de autocriação, como abertura à alteridade e transformação de si. Assim, emerge, no Brasil, ao final da década de 20 e início da década de 30, o que passa a ser chamado “Movimento Antropofágico” para referir-se ao movimento que tinha por princípio essa fórmula ética de relação com a alteridade: deglutir o outro para diferir-se e diferenciar-se do outro.

A cultura brasileira, desde sua fundação, caracteriza-se pela mistura de uma multiplicidade variável de referências, e várias são as estratégias do desejo frente a essas misturas. Assim, temos uma elite que, fortemente referida à sua condição européia, não investe na produção de uma cultura brasileira. Mas temos também a cultura popular que “se produz tradicionalmente a partir da exposição a este outro variado com o qual se é cotidianamente confrontado, exposição forçada pela necessidade de constituir, no novo país, um território de existência, um ‘em casa’ feito da consistência do que é realmente vivido – uma questão de sobrevivência psíquica. O resultado é uma estética viçosa, irreverente e inventiva”<sup>10</sup>. E, entre a elite e a cultura popular brasileira emerge um modo de ser que “encarna toda a heterogeneidade dinâmica da consistência sensível de que é feita a subjetividade de qualquer brasileiro, a qual se cria e recria como efeito de uma mestiçagem infinita – nada a ver com uma identidade. [...] O banquete antropofágico é feito de universos variados incorporados na íntegra ou somente em seus mais saborosos pedaços, misturados à vontade num mesmo caldeirão”<sup>11</sup>, mas sobre um critério ético: selecionam-se somente os ingredientes que possibilitam a recriação de si.

Assim, poderíamos afirmar que a antropofagia, enquanto estratégia do desejo, busca a deglutição daquilo que interessa no processo de produção de diferenciação de si, sem necessariamente, assumir a identidade do outro. Rolnik caracteriza essa antropofagia oswaldiana como *modo de subjetivação antropofágica*. Ela

---

<sup>10</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

<sup>11</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

descreve, então, como *subjetividade antropofágica* aquela que se define “por jamais aderir absolutamente a qualquer sistema de referência, por uma plasticidade para misturar à vontade toda espécie de repertório e por uma liberdade de improvisação de linguagem a partir de tais misturas”. Contudo, continua, Rolnik, a subjetividade antropofágica

atualiza-se segundo diferentes estratégias do desejo, movidas por diferentes vetores de força, que vão de uma maior ou menor afirmação da vida até sua quase total negação. Eles se distinguem basicamente pelo modo como a subjetividade conhece e rastreia o mundo, por aquilo que move sua busca de sentido e do critério que se utiliza para selecionar o que será absorvido para produzir este sentido.<sup>12</sup>

É claro, todavia, que esse modo está condicionado ao grau de exposição à alteridade e depende, também, do quanto a subjetividade se permite “contaminar” pelo outro. Este modo de relação com a alteridade, onde os corpos se deixam afetar pela diferença sensível de cada um, distingue-se daquelas onde a relação depende do grau de espelhamento e de confirmação narcísica que o outro é capaz de oferecer.

O modo de subjetivação antropofágica tem também a possibilidade de atualização em sua forma reativa, pois a estratégia antropofágica lida com forças ativas e reativas de narcisação. A expressão ativa seria aquela que se abre à alteridade, possibilitando a diferenciação de si e do outro, e o critério ético que comanda tal relação seria o cuidado de si e do outro como atividades simultâneas. Já a expressão reativa seria tanto aquela que se fecha a qualquer diferença, quanto a que se abre sem critério ético, onde o que move esse modo seria um “vale-tudo em função dos interesses do ego e não das urgências de criação de sentido colocadas pelo corpo em sua vivência coletiva, corpo em devir, marcado pela alteridade”<sup>13</sup>.

A composição religiosa que a IURD faz revela esse traço da subjetividade antropofágica e este é, também, um traço que favorece o enlace de muitos

---

<sup>13</sup> ROLNIK, [s.d.] Disponível na Internet: <<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>>.

brasileiros/as que se identificam com essa dinâmica. Fora das fronteiras nacionais, esse mesmo traço a favorece no sentido em que ela busca adequar seu discurso ao contexto onde se encontra. Por exemplo, nos EUA, na ausência de espíritos maus que se possa identificar, afirma-se que sua atuação se dá em forma de pensamentos negativos, causando a depressão e desejo de suicídio.

## Considerações finais

A proposta sacrificial da IURD, ao ser acolhida e largamente testemunhada como algo que funciona, promove, ao mesmo tempo, a legitimação de sua própria mensagem (a felicidade testemunhada pelos fieis serve à instituição no sentido de sua manutenção), e confirma a idéia de que os problemas, quaisquer que sejam eles, podem ser solucionados unicamente pela via individual e dependem apenas da *“boa vontade do indivíduo”*, dependem apenas da crença no próprio *“poder”* e *“vontade”* de realizar. Essa proposta sacrificial também cumpre uma função social: a de manter o *status quo* e impedir uma resistência coletiva organizada, uma prevenção ao medo do caos social. Interessa àqueles que se beneficiam de uma sociedade profundamente desigual como o Brasil, a existência de instâncias produtoras de indivíduos com alto nível de auto-estima e autoconfiança, a despeito das precárias condições estruturais de suporte da existência. O regime de verdade contemporâneo que produz o hiperindividualismo; que desfaz a noção de culpa e cria a vergonha; que estabelece como ideal de indivíduo aquele que é feliz, com sucesso e possui dinheiro do qual possa se disponibilizar criou condições para a emergência da IURD. E ela se estabelece por confirmar, reproduzir e reforçar os discursos de verdade do capitalismo.

Assim, o indivíduo religioso que pauta seu modo de existência a partir da moral neoliberal, no qual se encontra subjetivado, sente como perfeitamente legítimo esse modo de religiosidade. Mais: sente-se beneficiado pela *“religião”* que escolheu adotar. Uma religião que, fomentando o exercício da espiritualidade e transformando

a idéia tradicional de “exigências religiosas”, opaciza seu movimento de captura do desejo.

Ainda não compreendemos, suficientemente, que a violência que cotidianamente nos assalta; a precariedade dos suportes de existência advindos do trabalho e da propriedade social; a indiferença em relação à injustiça na distribuição das riquezas produzidas; e tantos outros sofrimentos que favorecem o aparecimento do pânico, da depressão, da falta de saúde, etc, tem íntima relação com as forças reativas que estão em movimento através das várias instâncias que participam dos processos de subjetivação na contemporaneidade. As forças reativas de narcisização (que se assentam na cupidez e no interesse em si mesmo) caracterizam o modo dominante de subjetivação contemporânea. Que grupo, que instituição, ou mesmo que tipo de religiosidade apresenta-se, hoje, com a potência de produzir modos de subjetivação que coloquem em atividade as forças ativas e venham a produzir uma nova sensibilidade, um outro modo de sentir?

Urge à teologia e a psicologia, assim como outros campos de saber, refletir sobre a produção dessa nova sensibilidade e promover outros processos que produzam subjetividades que busquem o cuidado de si que impliquem no cuidado do outro, e que sejam, por isso mesmo, afirmação da vida em sua potência de criação.

## Referências

ESPERANDIO, Mary R. G. *Narcisismo e Sacrifício. Modo de Subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del Yo*. Barcelona: Paydós Ibérica, 1996.

MACEDO, Edir. *A libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1997.

NIETZSCHE, Friedric. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ROLNIK, Suely. *Subjetividade Antropofágica*, Disponível na Internet: <<http://ut.yt.f0.or.at/site/index.html>> Acesso em 24.10.05